



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.º
N.º 32

Preço
1\$00

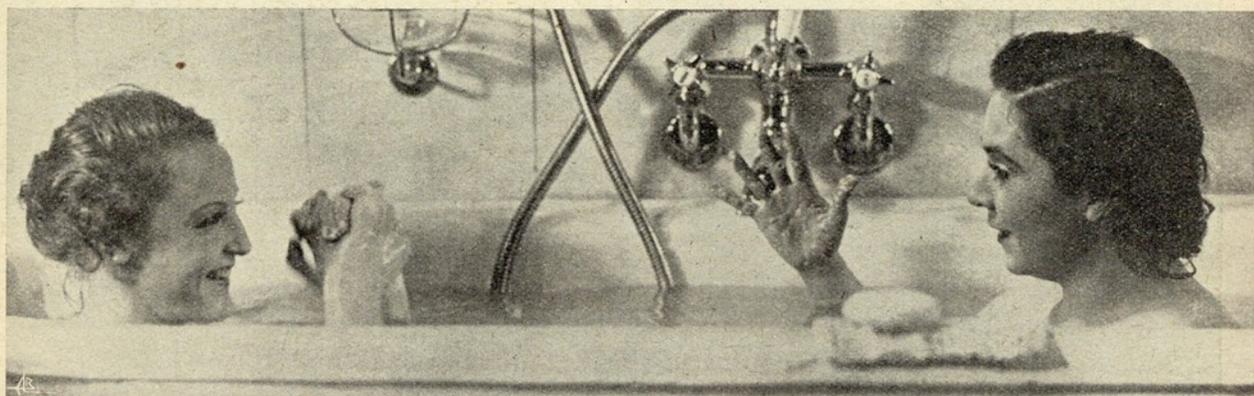
A Companhia Cinematográfica
de Portugal

vai apresentar brevemente no cinema

“Rivoli”

a excelente película

A Condessa de Monte-Cristo



Notavel criação de

Brigitte Helm e
Rudolf Forster

Realização de Karl Hartl



O que será que Buster Keaton está dizendo à Anita Page? Seja o que for, parece que ela não está muito pelos ajustes...
(Cena de "Pampelinas Milionário", falada em francês, a última e das mais notáveis criações do famoso cómico).

O Cantinho dum Cinéfilo

A morte de Maciste, que a imprensa estrangeira laconicamente noticiou há dias, fez-me pena, fez-me, sobretudo, recordar. E lembrei-me dos tempos em que a cinematografia italiana, num período de riqueza e apogeu, era senhora duma grande parte dos mercados mundiais, numa supremacia que durou muito tempo, porque a América tardou em mandar-nos os seus caixeiros-viajantes com os seus artigos saudáveis, frescos, leves e graciosos, que tam bem tam assentar cá na Europa, prematuramente vergada ao peso daquelas formidáveis reconstituições históricas, já cansada das atitudes lentas e teatrais da Borelli, dos galãs convencionais marca Alberto Capozzi, das fantazias carnavalescas à la Emilio Ghione...

E aos «Quo Vadis?», às «Malombra», aos «Martino, o Abandonado», às «Ratas Pardas», que — na verdade e em homenagem ao esforço do cinema italiano de então, faziam vibrar bem forte a minha sensibilidade cinéfila — sucederam, não as produções de séries, que já nessa altura apareciam alternando com as fitas europeias, mas as comédias americanas, cheias de saúde, de vida, bocas a sorrir, espíritos alegres, a transformarem o nosso temperamento demasiado tristonho e romântico, a abrirem as janelas dos estúdios, a deixarem entrar o sol da mocidade, filmes-alegria, filmes-Voronoff, filmes-optimismo, a mostrarem nos, pela primeira vez, a legenda-máxima, que todo o americano procura respeitar e aconselha: «Keep your smile!».

Mack Sennett, a Pathé Americana, a Famous-Players, a Goldwyn, etc., deram o golpe final na supremacia da produção italiana numa grande parte do mundo, e em breve, em quasi toda a Europa e em toda a América do Sul, os filmes onde brilhavam os olhos languidos da Pina Menichelli, o sorriso difícil da Diana Karenne e a casaca negra do Gustavo Serena, eram substituídos, não em fantástico sonho cor-de-rosa, mas em palpável realidade, pelas girls de Mack Sennett — a quem tanto devem, entre parêntesis, as elegantes das nossas praias... — pelas fitas da pequenina Mary Osborne e do pretinho África, pelas encantadoras comédias de Marguerite Clark e Mary Pickford, pelas inigualáveis e inolvidáveis interpretações de Tom Moore, de Mae Marsh, de Madge Kennedy nas fitas que, ainda solteira, nos dava a marca do leão, de que Samuel Goldfish, hoje crismado em Goldwyn, era co-fundador,

E a gente começou a respirar mais fundo. A graça natural de Constance Talmadge sabia-nos melhor que a teatralidade de Soava Gallone. Ao contorcionismo sensual da escultórica Manzini, já preferíamos a alegria sã de Mabel Normand. E o

tipo sentimental e poético do galã italiano, já nos parecia ridículo diante da virilidade, optimismo e mocidade do herói saído de Harvard ou de Columbia.

A América tinha vencido.

■ ■ ■

Com a chegada do sonoro parecia que a cinematografia italiana deveria, se não voltar ao seu antigo predomínio — que tal seria absolutamente impossível, dado o desenvolvimento do cinema de outros países — pelo menos conquistar uma posição destacante na cinematografia europeia. Mas isso não tem sucedido. O cinema italiano dificilmente vai produzindo alguns fonofílmicos para consumo caseiro, sem margem senão para uma pequeníssima exportação — e essa apenas para alguns pequenos cinemas especializados de Nova York.

E' que a América está alerta. E por muitas leis de contingente ou qualquer protecção que se promulguem, é o próprio espectador, é o próprio público quem reduz os efeitos dessas leis ou provoca a sua inutilidade. Em Itália, como em todos os países onde a cinematografia italiana imperava, o público prefere, naturalmente, filmes na sua própria língua, mas exige-os bem feitos, de realização esmerada, com artistas da sua simpatia, películas bem lançadas, ricas de todos os elementos de produção.

Maciste, que acaba de falecer, era um dos artistas mais queridos de Itália. «Cabiria», cuja reedição estava a ser preparada, mais popular o tornaria, sobretudo aos olhos dos cinéfilos jovens, que não podem já recordar uma produção de há 15 ou 16 anos. A Itália precisa de popularisar os seus actuais artistas, não com exageradas parangonas ou falsos réclamos, mas salientando-lhes os merecimentos, empregando-os em filmes de categoria, onde não falte a beleza e o talento da realização, não os privando do que quer que seja que possa melhorar a produção e, sobretudo, sabendo-os apresentar condignamente ao seu público, quicá ao público internacional, se a Itália tem pretensões a grande exportadora.

De contrário, os filmes italianos continuarão a não figurar nos mercados europeus, e até o público de Itália continuará a preferir a Janet Gaynor e a Greta Garbo, o Wallace Beery e o Charles Farrell, que a América lhe manda em filmes bem feitos, em filmes de valor, em produções de méritos indiscutíveis, que o satisfazem inteiramente e o levam a exigir tais filmes com muita frequência, lembrando-lhe também, ao espectador de Itália, que só com cantigas e parolagem farta de ócio patriotismo não se podem produzir boas fitas — que é o que se deseja.

No país das "estrelas"

Tradução livre
e adaptação de

XAVIER D'ATÃES

Entrevistas Fantasistas...

P O R

S U N L I G H T

ou entrevistas que nada dizem

O leitor já boceja, aborrecido, quando, para matar o tempo, pega numa revista cinematográfica e, depois de percorridas com o olhar as fotografias, mais ou menos sugestivas, depara com uma entrevista cuja leitura o ocio lhe impõe.

Idealiza imediatamente a entrevista adolentemente estendida num sofá, com o corpo de formas esculturais moldado por um «robe lamé d'argent» a cabeça indolentemente reclinada, amarrando impiedosamente uma preciosa almofada de sêda, o olhar perdido no espaço ou seguindo as espirais caprichosas de um cigarrinho de «bout doré», quasi a desprender-se de entre os seus dedos finos e bem tratados. E se a sua imaginação dá a honra ao «reporter» de alorar a sua figura, desenha-se ante os seus olhos um indivíduo de nariz aquilino, cavalgado por umas lunetas pouco limpas, mal barbeado, vítima das exigências impertinentes de um director impiedoso.

Desengane-se, porém, o leitor. A verdade é, por vezes, muito diferente, e os perigos a que se expõem os infelizes «reporters» são de diversas naturezas e da mais extravagante fantasia.

Nunca esquecerei o dia em que tentei obter uma entrevista de Estelle Taylor, a extraordinária sereia de olhos de veludo. Mal nos tínhamos sentado a uma mesa do Brown Derby quando Estelle começou a «vapamar-me» e, achando sem dúvida a tarefa extremamente fácil, deixou cair dos seus lábios purpúreos epigramas mordentes, tam cheios de sabedoria que teriam provocado os ciúmes de um velho filósofo endurecido. A profunda experiência e o extraordinário poder de sedução que se reuniam naquela criatura prodigiosamente bela provocaram-me um terror inexprimível. Fugi imediatamente e refugiei-me num abrigo temporário, onde Lily Damita não tardou a descobrir-me. Vendo-a, recuperei a serenidade e puxei da pena e da carteira de apontamentos que tinha esquecido em virtude da perturbação que no meu espírito havia causado a psicologia acerada de Estelle Taylor.

Lily Damita não é, contudo, uma adversária para desprezar.

— Que diria sua esposa se o visse na minha companhia? — perguntou com coquetaria.

Proteste! Minha mulher não podia dizer nada, pela simples razão de ser solteiro.

Lily manifestou uma satisfação um pouco embaraçante.

— Ah! Ah! E' então celibatário?! Os meus cumprimentos. Ora diga-me! o que pretende saber? A minha idade? Não lha direi. A minha nacionalidade? Suponho que a não desconhece. Qual a



Estamos ansiosos por ver "Melodia Cubana", em que Lupe Velez tem uma importante interpretação.

Lupe Velez! Um caso sério de Hollywood!...

actriz com que me pareço? Isso, isso! E' isso mesmo. Diga-me quem é que eu lhe recordo.

A-pesar da minha perturbação, tive uma centelha de génio e exclamei:

— Lily Damita tem uma personalidade única, não se parece com ninguém. Não ha no mundo outra Lily Damita.

A minha afirmação encheu a nossa «estrêla» de um entusiasmo trasbordante. Ri, riu muito e entoou a «Marsehesa», acompanhada pela secretária, que acabava de fazer a sua aparição. E eu, não querendo ficar esquecido, juntei às delas a minha voz de barítono. Obtive-

mos um êxito surpreendente, tam grande que esteve a ponto de valer nos um contrato para a Opera de New York!

Mas nem todas as entrevistas são tam ruidosamente patrióticas. Há-as mais calmas, muito mais calmas. Comprova a minha afirmativa uma que tinha obtido de Anita Page. Anita recebeu-me após um dia de trabalho anquilador no estúdio. Comecei prudentemente por considerações de ordem geral, e, obedecendo a uma hábil gradação, encaminhava-me para um assunto mais pessoal, quando me apercebi de que a loira Anita havia adormecido profundamente! Tive a tentação de elevar a voz, mas não ousei arriscar-me a tal indiscrição. Fiquei imóvel na cadeira, conservando ainda um vislumbre de esperança de a ver despertar. Mas a minha paciência não obteve recompensa: um ligeiro ruído, muito característico, elevou-se da bôca em flôr da minha entrevistada. Não me restava outra coisa a fazer senão eclipsar-me discretamente. E foi o que fiz.

O sono esteve porém ausente na noite em que entrevistei Lupe Velez no local onde ela interpretava «Ressurreição», sob uma chuva torrencial. O cenário representava uma «gare» rustica, na qual estacionava um comboio brilhantemente iluminado. Uma orquestra russa enchia o ar de melodias selvagens, e, num dos vagons, John Boles-Dimitri perorava, rodeado por um grupo de rapazes loiros, enquanto que a pobre Katuscha-Lupe, cambaleante, percorria o calis chamando o seu Dimitri, molhada até aos ossos pela chuva torrencial.

Nos intervalos das cenas, patinhavamos na lama, também artificial, até atingirmos o camarim portátil de Lupe, feito em lona. Através do abrigo de tecido, sacudido pelo vento, ouviamos rugir a tempestade, enquanto que os relâmpagos eléctricos iluminavam a desordem da cena percorrida pelos bramidos do «metteur en scène» e as pragas soltadas por algum pobre diabo caído na lama. Era no tempo abençoado do filme silencioso...

Mal nos tínhamos instalado no camarim e já Lupe arrancava freneticamente as meias e esfregava os pés, tentando aquece-los, sem por isso deixar de ir narrando as mais inverosímeis histórias sobre a sua vida passada e futura. Entretanto, eu absorvia quantidades espantosas de café, chávêna sobre chávêna, num esforço sobrehumano para escapar a uma pneumonia. Nessa noite, Lupe apresentou-me nada menos do que três versões da sua vida, todas elas absolutamente diferentes, mas que abundavam em situações igualmente dramáticas. A sua narrativa era semeada de exclamações.

— Amo Gary, amo-o! Ser-lhe-el fiel, e, se lhe disserem o contrário, não acredite!

Finalmente, quando a alva iluminou a cena, Lupe, esgotada, dormia num «fauteuil», John Boles estava completamente afono, e eu tinha bebido todo o café do estúdio!

Se Lupe é dificilmente abordável, Fifi d'Orsay não é menos. Não esquecerel tam cedo o dia em que me arrojel a entrevistá-la sobre os «conselhos a dar aos namorados».

— Não quero ser entrevistada aqui, — declarou Fifi de modo peremptorio. Vamos para qualquer parte.

Levei-a a uma exposição de canoas automóveis. Experimentou-as todas, umas após outras, saltando de um bordo para outro, batendo com as pernas na madeira, arranhando-se, maguando-se e manifestando, de cada vez, o seu furor num francês expressivo e conciso. Quando, finalmente, se cansou deste desporto, fomos recuperar forças ao Brown Derby, onde Fifi conquistou o meu eterno reconhecimento pedindo apenas uma chávena de cacau e uma torrada.

Como o restaurante estava um pouco desanimado, despertamos os clientes oferecendo-lhes o espectáculo gratuito de uma grande disputa internacional. Fifi invectivava-me em francês e eu respondia em puro inglês, que passa por sêr uma língua estrangeira em Hollywood! Vinte minutos mais tarde, estavam completamente desorientados; Fifi cantava desalmadamente, e eu acompanhava-a como podia. Cerca das três horas da manhã, apareci em casa dela, sentado na mesa da cozinha, ainda a cantar. Inutil será dizer que não cheguei a saber quais os conselhos que Fifi dava aos amantes!

Passo em silencio sobre as minhas entrevistas com a tempestuosa Carmel Myers, com Charlie Farrell, Billi Boyd, Maureen O'Sullivan e Natalie Talmadge, para me ocupar de uma provação que me desgostou difinitivamente do «metier».

Tinha solicitado uma entrevista de Ben Lyon, que me concedeu, sob promessa de que se realizaria no seu avião. Confesso que não sou muito entusiasta por este meio de locomoção. A meu vêr, se fôsse intenção do Senhor fazer-me voar através do espaço, ter-me-ia provido de asas em vez de braços. Mas, não escutando senão o meu dever, dirigi-me, resmungando, ao campo de aviação, onde os assistentes se apoderaram da minha pessoa e me equiparam com o para-que-das de Bebê Daniels, enquanto discutiam um desastre que na vespera custára a vida a sete pessoas.

Sobrepondo-se ao ronronar do motor, ouvi a voz irónica de Ben, que gritava da carilnga:

— Pretende servir-se já do para-que-das?!

Olhei para trás de mim e vi o para-que-das meio aberto, a arrastar pelo chão como uma cauda.

— Será um pressagio? — perguntei a mim mesmo, sentindo que um estremecimento me percorria a coluna vertebral.

Foram buscar outro, muito largo para mim, cujas correias não cessavam de es-correr-me das espaduas enquanto que Ben, sem piedade, me forçava às piores acrobacias. O que senti é inenarrável, mas a impressão que me ficou é tam grande que ainda hoje estremeço quando sinto os suspensórios deslizarem-me nos ombros.

Voavamos sobre o Pacífico. Ben falava alegremente, e eu tentava responder-lhe com um sorriso que devia assemelhar-se a um esgár. Mas quando êle «picou de nariz» para contemplar a água de mais perto, não pude conter um gemido de horror.

— O senhor vôa demasiado baixo!

Mas Ben, imperturbável, designava-me o Oceano com o dedo e exclamava: — Olhe!

Por baixo de nós, alguns homens procuravam pescar os destroços dos aviões e os cadáveres dos afogados da vespera!



Martha Eggerth, a jovem actriz alemã, muito linda e muito toira, que vamos vêr em "Era uma vez uma valsa..."

Era demais! Quando recuperei os sentidos, encontrei-me estendido nos estofos do meu velho Ford, cujo ronronar familiar me pareceu a mais divina melodia. E jurei que, se tivesse de continuar a afrontar perigos desconhecidos no exercício do meu «metier», me limitaria áqueles que me fazem correr os encantos das belas vedetas.

A «Fox» contrata Lupe Velez

Lupe Velez, que esta época veremos em «Melodia Cubana», com Lawrence Tibbett, da «M-G-M», acaba de ser contratada pela «Fox», para a primeira actriz de «Hell to Pay», com Edmund Lowe, Victor MacLaglen e El Brendel.

Um filme de Senhor com incidentes

por VICTOR JANSON

Dia de grande luta numa decoração teatral. Centenares de comparsas, uma orquestra de quarenta músicos, um grupo de baile... E quando sôa o meio dia, sem que se tenha estragado nenhuma cena, bato três vezes com a mão por debaixo da minha mesa de trabalho. Mas não consigo evitar que a adversidade se vingue de mim, pois na seguinte tomada de vistas, que era o momento decisivo, o pano encrava a meio da descida... e enquanto se remedeia este inconveniente, o cantor Marcel Wittrisch ausenta-se do estúdio. Tinha de assistir a um ensaio na Opera do Estado.

Havia sido contratado para a cena seguinte um casal de formosos gatos. Até então, sempre eu havia negado, como amigo decidido dos animais, que os gatos fossem falsos. Mas estes demonstraram-me o meu erro.

Emquanto não precisava deles, molestaram-nos com um continuo «miau». E quando chegou o momento em que deviam ser fotografados em primeiro plano, encerraram-se num desdenhoso silencio. Por fim, tive de fazer pessoalmente o papel de imitador de animais, e se o tom no filme sonoro resulta sobremaneira exacto... deve-se à minha habilidade.

Dois cavalos tambem me causaram embaraços, embora de natureza diferente. Depois de haverem arrastado docilmente um coche, levaram-nos para trás de um cenário, e quando Martha Eggerth e Rolf von Goth estavam a desempenhar uma cena amorosa, esta foi interrompida por um sonoro relincho, que fez o chefe de sons saltar como uma fera para fóra da cabina e proferir indignadamente uma palavra muito corrente, que tambem se usa entre as gentes do cinema, mas que julgo não dever repetir.

Em outra cena, Ernest Verebes corta o caminho a Ida Wust com as palavras: — Sômente por cima do meu cadáver. Logo após a palavra «cadáver», a senhora Wust devia dar uma sonora bofetada na face do seu parceiro.

Eu não podia supor que Verebes houvesse descurado o estudo do papel a ponto de desconhecer que devia levar uma bofetada!

— Atenção! Rodar! O bofetão! — gritei.

Verebes, completamente desconcertado, afastou rapidamente a cabeça, chocado com o vidro da janela, que caiu em pedaços, mas continuou a actuar com imperturbável serenidade...

— A melhor cena de todo o filme, — pensei.

Mas o bombeiro que estava atrás dos bastidores julgou que tinha caído um foco, e passou com terrível ruído ante a cena.

Tais incidentes são inevitáveis. Quem dirige uma fita necessita de habituar-se a êles.



Uma excelente fotografia de Karen Morley, a nova actriz da "M-G-M", que é a primeira figura feminina de "Arsene Lupin", com John e Lionel Barrymore.

Metade de Hollywood não compreende Karen Morley. A outra metade desconhece-a completamente.

Em geral julgam-na muito szuda. Mas na realidade é atraente e possui um encanto secreto, que cativa e seduz.

A colonia cinematográfica admite que o seu trabalho em «Mata-Hari» e «Arsene Lupin» não foi apenas bom, mas mesmo superior em alguns momentos. O que não pôde compreender é como ela consegue que lhe concedam papeis de tanta importancia, quando artistas mais antigas no estúdio, tais como Leila Hyams e muitas outras, obtem com pouca frequencia igual sorte. E as demais artistas novas, que há meses e meses suspiram por uma oportunidade, olham-se desoladas.

A razão do seu triunfo é, todavia, de fácil explicação. Karen não espera. Todas as oportunidades que tem tido, ela própria as criou. Tem confiança em si, tem uma fé inexcedível em Karen Morley. E assim se compreende que não recue ante as maiores dificuldades.

George Hurrell, fotógrafo do estúdio, e a gentil artista não se davam bem. Não é que os separasse uma forte hostilidade; mas entre-elles não existia a franca camaradagem que costuma haver entre uma actriz e o homem que lhe fez as suas «fotos» de publicidade.

Se as raparigas do estúdio não aprovam o fotógrafo, fazem o possível por não o dar a perceber. Mais ainda, procuram ser amáveis e gentis para com elle.

Karen Morley, a nova esfinge de Hollywood

As artistas julgam que não podem permitir-se o luxo — segundo expressão das próprias, — de ofender o homem do qual depende grande parte do seu éxito, pois se este não faz realçar os seus encantos e não elimina os seus defeitos, tudo ou quasi tudo está perdido para elas.

A nossa heroína divergiu, porém, desta opinião!

Se um fotógrafo se apercebe de que uma actriz antipatiza com elle, qual é a sua reacção lógica? Fazer más fotografias dela? Não! Em primeiro lugar, não pôde permitir-se esse prazer, visto que as boas fotos não só lhe asseguram o emprego como contribuem para que lhe aumentem o soldo! Em segundo lugar, o seu natural amor próprio revolta-se contra tal processo de vingança.

Noventa e nove por cento das vezes procurará, pois, demonstrar à pessoa que não simpatiza com elle, que é o melhor fotógrafo de publicidade de toda Hollywood. E se trabalha bem quando está fotografando pessoas da sua estíma, não cabe a menor dúvida de que tentará superar-se com as que lhe demonstram indiferença.

Karen não ignorava isto, e não me custa mesmo admitir que exaggerasse a sua indiferença para com George. a-fim de o induzir a elevar a sua natural habilidade a maiores alturas sempre que a fotografava. Elle não podia convertela numa encantadora serela, não sendo ella formosa. Karen sabia-o muito bem. Mas podia fazer dela uma mulher interessante, diferente das outras raparigas do estúdio.

E George assim fez, de facto. Um dia fotografou-a em «salto de cama» de rendas pretas. Karen ao ver as «fotos» abraçou George com entusiasmo, e guardando as provas debaixo do braço, dirigiu-se imediatamente ao gabinete de Irving Thalberg.

Todas as cadeiras da antecâmara do «santuário» estavam ocupadas. Karen viu que não lhe seria possível sentar-se e lançou imediatamente uma nova forma de esperar, acorcorando-se no chão. Dez minutos depois, vinte ou mais pessoas a haviam imitado.

Passado muito tempo, Irving saiu do gabinete, com uma mão no bolso das calças, brincando com umas moedas que

trazia, habito este que lhe é muito peculiar.

— Que quiere isto d'zer? — perguntou ao ver tanta gente sentada no chão.

Karen pôs-se em pé rapidamente, sem dar tempo aos outros de a imitarem, e exclamou, com o seu tom mais convincente:

— Desejaria muito falar com o senhor. E antes que Thalberg chegasse a sair da sua surpresa encontrou-se de novo no gabinete, com a porta fechada atrás de si, e na presença de uma rapariga sumamente enérgica.

— Posso interpretar o papel de mulher de Arsene Lupin, — disse com firmeza.

Nada de rodeios. Queria, porque estava certa de poder obter e porque não duvidava de si. Do contrario nada pediria. Uma vendedeira com um novo sistema de vender a sua mercadoria. Uma vendedeira munida de amostras que demonstravam melhor do que todas as palavras do mundo a excelência do «seu género» — «fotos» de uma rapariga sumamente interessante em trajo muito intimo.

Não pedia um favor. Irving Thalberg preclava de uma mulher para «Arsene Lupin» e ella limitava-se a oferecer-lhe essa mulher.

Que a oferta foi aceite já os leitores o sabem. E com frequencia tenho pensado no assombro que devia ter experimentado Irving naquele instante. Creio mesmo que só uma mulher em todo o estúdio da «Metro» se teria atrevido a acercar-se dele num «tom tam comercial». Essa mulher chama-se Norma Shearer.

Karen Morley é astuta, intelligente, boa negociante, ambiciosa, judiciosa como um homem que saiba se-lo, possui um control perfeito sobre si própria nos momentos oportunos e é sempre amavel, simpática e viva.

Toda a gente compreendeu a razão que a determinou a lutar pelo papel em «Arsene Lupin», porque contracenar com os dois irmãos Barrymore é de tal importancia que qualquer artista, famosa ou não famosa, aceitaria com todo o gosto. Mas ninguem pôde compreender o porque do seu não menor desejo de ser a interprete de «Are You Listening?».

Todas as raparigas do estúdio tremiam de receio à simples idéa de que lhes pudessem tocar por desgraça.

Karen explicou o seu proceder em poucas palavras. «Não ignoro que não sou bonita e reconheço que me é impossível obter uma situação no cinema na qualidade de mulher bela ou excitante, mas resta-me um caminho e para o transpor tenho empregado o melhor dos meus esforços. Preciso, mais do que qualquer outra, de ser boa actriz, e quanto mais variados forem os meus papeis, melhor será o conceito em que me terão. Só há um tema que não tenha ainda abordado: a comédia ligeira. Até hoje, ninguem viu em mim possibilidades de

ser uma boa atriz de comédia. Pois bem, há-de chegar o momento da demonstração».

Karen Morley é excepcionalmente concentrada. Guarda em absoluto sigillo todos os dissabores que lhe tem reservado a sua carreira. Mas quando convem, fala pelos cotovelos. Se, por exemplo, um outro estúdio a pede emprestada á Metro, apregoa aos quatro ventos o acontecimento. É que ser considerada e desejada por um estúdio concorrente é sempre bom para qualquer atriz, mesmo que as provas não deem o desejado resultado.

Há tempos foi cedida á «Fox» para interpretar o principal papel feminino numa fita com Warner Baxter. Quando regressou ao estúdio, falava a torto e a direito, contando os bons bocados que passara, as atenções de que havia sido cumulada e descrevendo o «camarote regio» com que a haviam brindado.

Era conveniente que a Metro soubesse que a Fox a tinha acolhido como se fôra uma Joan Crawford, uma Norma Shearer ou uma Greta Garbo.

Karen é, também, muito orgulhosa. Uma ocasião deslocou um tornozelo, e, no dia seguinte, quis a casualidade que o mesmo succedesse a Nora Gregor, ao tempo parceira de Robert Montgomey. Pois a nossa heroína comentou logo:

— Estou a fazer-me importante. Já lancei uma moda!

Foi em tom de chalaça que o disse. Mas, quem bem a conhece, descobriu nestas palavras uma vaga sugestão de importancia.

Nos primeiros tempos da sua carreira, raras vezes saía. Não ia a estrelas nem a reuniões. E quando lhe perguntavam a razão do seu proceder, respondia que pretendia conservar todas as amizades do colégio. Esta attitude mudou, porém, desde que o caminho para o estrelato se abriu na sua frente. Hoje aparece em toda a parte e sai muitas vezes em companhia de um belo rapaz, desconhecido na vida profissional de Hollywood, cujo nome oculta a toda a gente. Karen permitiu-se o luxo de copiar esta receita do livro de sabedoria de Greta Garbo, pois não ignora que a imprensa fala mais quando menos sabe e menos material lhe concedem.

A nova fita de Clara Bow

«Call Her Savage», a primeira fita de Clara Bow depois do seu regresso ao cinema, está em vias de ser terminada. Além de Clara Bow, tomam parte naquela fita Gilbert Roland, Estelle Taylor, Alexander Kirkland e Thelma Todd. A realização está a cargo de John Francis Dillon.

Irving Thalberg, director da produção da «M.G.M.» em Culver City, esteve em meados de Outubro em Nova-York, onde conferenciou com Nicholas Schenck, presidente daquela casa, sobre assuntos da nova produção. Irving Thalberg e sua esposa Norma Shearer regressaram ao Oeste em fins de Outubro.

O êxito de «Um Sonho Dourado», em Paris

«Um Sonho Dourado», a produção de Erich Pommer para a «Ufa», que a Agência H. da Costa vai apresentar brevemente, com Lillian Harvey, Henry Garat e Pierre Brasseur, estreou-se há dias em Paris com o maior successo, sendo unanime toda a imprensa em considerar esta fita como uma obra de grande envergadura, do melhor que a «Ufa» tem produzido. Damos a seguir a tradução do que a respeito de «Um Sonho Dourado» escreveu o crítico de «Le Journal», de Paris:

Lillian Harvey e Henry Garat. Eis dois nomes que, juntos, exercem uma atracção incontestável sobre o público.

Esta atracção nunca foi tam justificada como nesta realização de Paul Martin, cujas apreciáveis qualidades limitam o papel do crítico.

Lillian Harvey é um demonzinho de mulher que conhece como nenhuma outra vedeta a arte de apaixonar o seu público, de o conservar dominado pelo encanto do seu rosto adoravelmente engraçado e de não o deixar em repouso: não no fim do filme. E se lhe dão como parceiros galãs como Garat e Pierre Brasseur pode se estar certo de que os espectadores que veem actuar este simpático trio não tem tempo para se aborrecer.

A efabulação de W. Reisch e Billie Wilder é muito engenhosa: dois jovens, Maurice e Maurice, modestos trabalha-

dores, tomam conhecimento, ao mesmo tempo, com Jouvou, uma rapariga que quer ir para Hollywood.

Como Jouvou acaba de ser despojada, por um «escroc» que se dizia secretário de um importante empresário, dos últimos dólares que possuía, aceita a hospitalidade que Maurício e Maurício lhe oferecem. Estes vivem num recanto dos arredores, num velho vagon. A chegada de Jouvou não tarda a alterar a camaradagem que os unia: ambos lutam pelo coração da rapariga.

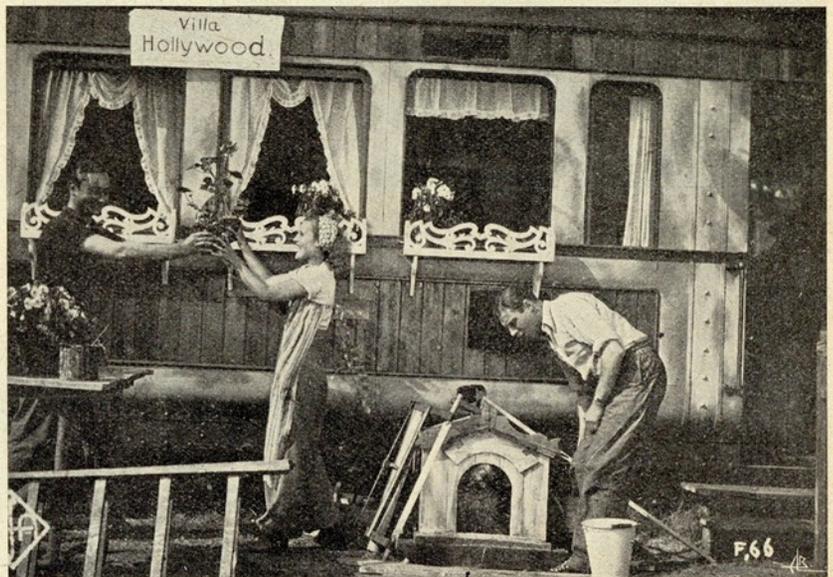
Entretanto, esta não pensa senão no seu projecto de se fazer «vedeta».

Deixando os dois «galos» em disputa, entrega-se a um sonho no decorrer do qual lhe succedem mil aventuras na capital americana do cinema.

Ao acordar, o seu sonho entra em realização. Consegue obter um contrato para os famosos estúdios de além Atlantico. Mas, recuando sobre a decisão que lhe era tam cara, obedece apenas ao coração, que lhe pede que fique junto de um dos dois Maurice, daquele a quem secretamente dera a sua preferencia.

A «mise en scène» é chela de incidentes inesperados, rica em exteriores extremamente pitorescos.

Pierre Pierade e Claire Franconay são assombrosos nos papéis de composição, e de uma graça irresistível. Póde predizer-se uma longa carreira a este filme estonteante.



Uma cena da encantadora fita «Um Sonho Dourado», super-produção Erich Pommer para a «Ufa», em que Lillian Harvey, a nossa Lillianzinha — ai! — nos delicia com o seu talento, com a sua graça, com a sua personalidade, infinitamente sedutora. E depois, ELA aparece-nos rodeada do sempre simpático Henry Garat e do patuquíssimo Pierre Brasseur.

Era Uma Vez Uma Valsa...



Realização de Victor Janson

Produção da «AAFA»

Programa Companhia Cinematográfica
de Portugal

PRINCIPAIS INTERPRETES

Martha Eggerth.....	Steffi Pirzinger
Rolf Von Goth.....	Rudi Moebins
Lizzy Natzler.....	Lucie Weidling
Ernst Verebes.....	Gustl Linger

ARGUMENTO

Rudi Moebins era o herdeiro de uma casa bancária de Berlim, que falira. Pfennig, conselheiro e amigo de Rudi, negocia com a consulesa Weidling, de Viena, o matrimónio de Rudi com Suzie, filha da consulesa, por supor que se trata de um partido esplêndido para Rudi, visto que os milhões de Suzie irão restaurar a casa Moebins.

Rudi e Pfennig dirigem-se a Viena a fim de conhecerem a família Weidling,

uma valsa...» Pela janela do hotel deita um dos bilhetes à rua, entregando ao acaso a escolha da pessoa que ficará a seu lado. A sorte sai a uma linda e adorável loirinha. Rudi, encantado, pede-lhe para o acompanhar num passeio após o espectáculo, ao que ela acede.

Suzie Weidling ama o flautista Guste Linzer e, a ocultas de sua mãe, assiste ao espectáculo onde aquele toca e onde Rudi se encontra. A' saída encontram-se os dois pares, mas, como chove torrencialmente, resolvem fazer o trajecto juntos, no primeiro carro que aparece. Rudi e a companheira saem primeiro, continuando Suzie e Guste. Esta pede a Guste que a rapte, pois estão esperando um tal Rudi Moebins com quem a mãe a quer casar por supor que ele possui milhões. Mas Guste, por tímido, receia meter-se numa aventura arriscada, e Suzie, tristíssima, vê todas as suas esperanças desfeitas como o fumo.

Rudi confessa à companheira ser aquela a sua última noite de liberdade, pelo que ela o supõe um criminoso que irá no dia seguinte entregar-se à prisão, e, desiludida, desaparece sem que ele saiba para onde...

Quando Rudi e Suzie se encontram em casa desta, reconhecem-se imediatamente e, uma vez a sós, contam um ao outro as suas desventuras. Resolvem aliar-se, a fim de conseguirem casar com aqueles a quem amam. Rudi vencerá Guste a raptar Suzie, pelo que esta promete procurar a loirinha, embora dela só haja uma pequena silhueta, única recordação que Rudi possui. Rudi procura Guste, dando-lhe uma lição para o tornar enérgico e audaz. Entretanto, Suzie espalha grandes placards pela cidade, com a silhueta da loirinha, pedindo-lhe para ir ao hotel onde se hospeda Rudi. Enquanto, atraídas pelo anúncio, estão as loiras invadindo o hotel, Rudi, casualmente, encontra a sua amada. Esta chama-se Steffi e é filha de Pirzinger, proprietário de uma camionete de turistas. Os dois esclarecem todas as dúvidas e combinam fugir para Berlim. No comboio encontram Suzie e Guste, que levam o mesmo destino. Entretanto, Pfennig descobre que a família Weidling está sem vintem. Por sua vez, o procurador



Realização de Karl Hartl
Programa Companhia Cinematográfica
de Portugal

PRINCIPAIS INTERPRETES
Brigitte Helm e Rudolf Forster

ARGUMENTO

Jeanette e Mimi são duas interessantes raparigas, comparsas de uma Empresa de filmes. Todos os dias esperam com ansiedade que o Director repare nelas, afim de poderem ganhar os 10 «shelins» habituais. As suas esperanças resumem-se em desempenhar um grande papel que as leve ao nível de estrêlas, onde há automóveis, peles, perolas e brilhantes. Então poderá Jeanette casar com Estevão, um apagado redactor, que em vão se esforça por dar brilho á sua humilde secção.

Spitzkopf, o director, precisa, para um dos seus filmes, de uma rapariga que, por 10 «shelins», faça um papel de grande senhora e saiba guiar um automóvel. O casaco de peles será fornecido pela Empresa. Jeanette é escolhida para o papel e Mimi fará de criada.

Mas na vida nem tudo são rosas, e Estevão, devido á crise, é despedido do Jornal. Jeanette ouve essa má noticia e os seus labios comprimmem-se numa ansia de combate.

É nova, bonita e quer lutar pela sua felicidade. Preocupada, não presta a devida atenção aos ensaios. O director, descontente, fala em a substituir. Mas Jeanette é corajosa e procura conquistar a felicidade e a fortuna com um golpe de audácia.

No dia seguinte, com a criada ao lado, as mãos esbeltas dentro das luvas de camurça, agarra-se ao volante do carro, pronta para a filmagem. E quando o director dá ordem para ela avançar, os farois acendem-se, o operador começa a dar á manivela, o pé estreito de Jeanette carrega no acelerador e o carro passa como um relampago por diante de toda aquela gente estupefacta, continuando a sua marcha até entrar num mundo aberto e duma formosura invernal. Mimi tenta dete-la, mas ela segue sempre, veloz-

da Consulesa sabe que a casa Moebins fallra.

Sobre este enorme desapontamento, surge, como um raio, a noticia do desaparecimento de Suzie, que, na opinião da mãe, foi raptada por Rudi. Pirzinger denuncia Rudi como autor do rapto de sua filha. A fim de apanharem os fugitivos, dirigem-se todos a Berlim, no carro de Pirzinger. Encontram dois pares de namorados nas salas vazias de Moebins. Consentem em que se casem em vista da forma humilde como pedem.

Mas, como nem só de amor se vive, resolvem todos transformar o banco num café. A elegancia de Rudi, como criado, e as duas atraentes empregadas, Suzie e Steffi, atraem a clientela. Guste rege a orquestra do café, desempenhando os outros o seu papel o melhor possível.

A Condessa de Monte-Cristo



mente, rosto calmo, decidida a vencer a vida como vence as distâncias...

Ao cabe de um grande percurso, numa curva elegante, o carro para ante o célebre hotel «Semmering», o hotel dos desportistas de inverno. Um olhar imperioso obriga Mimi a continuar o seu papel, e a descida é feita a rigor...

Jeanette apresenta-se como sendo a Condessa do Monte Cristo, o seu nome no filme, e aluga «appartements» luxuosíssimos. Mas a sua desilusão é enorme ao verificar que as malas da filmagem apenas conteem objectos insignificantes, em vez de vestidos e joias.

Confia porém na sua beleza e elegancia para triunfar...

Na sala de leitura depara com um jornal onde vem a noticia da sua fuga e a informação que a policia a procura activamente. Sem dinheiro e sem roupas, que há-de fazer?

O director do hotel deve saber tudo, resolvem redigir uma carta, mas nisto bateu á porta enérgicamente.

É a policia:

Um acaso providencial salva-as e proporciona-lhes luxuosos vestidos e valiosas joias. Jeanette continúa a representar o seu papel, protegida por um cavalheiro que só no ultimo momento, quando tudo parecia perdido, deixa cair a sua mascara. E enquanto que a policia, na confusão do «reveillon», faz um cerco aos culpados, ouve-se o tilintar dos copos de champagne, o relógio bate meia noite, as luzes apagam-se e, ao reascenderem-se, um jogador de extrema audacia perdia o seu ultimo triunfo, mas duas raparigas correm em marcha vertiginosa, no seu automóvel, atravez da noite invernal.

Antes de entrarem em Viena, são obrigadas a parar no posto da policia.

Estevão vem em auxilio. Escrevera no seu jornal um artigo de sensação. Viena em peso fica entusiasmada! A Condessa de Monte Cristo é o assunto

do dia. E o reclamo é tão formidável que a Empresa de filmes e a direcção do hotel desistem da queixa. E Estevão, depois deste sucesso que deve á sua Jeanette, continua trabalhando no Jornal. O futuro anuncia-se sorridente para os dois namorados...

AOS LEITORES

Os nossos bonus

Por motivo de força maior, a Ex.^{ma} Empresa do «Batalha» retirou os «bonus» nos espectaculos nocturnos aos sabados, passando a da-los na primeira matinée aos domingos. Os leitores de «Cinema» teem, pois, o desconto de 50% nos seguintes espectaculos:

« T R I N D A D E »
Matinéas ás quintas e sabades

« B A T A L H A »
Matinéas ás quintas, sabados e domingos (aos domingos só na primeira matinée)

« O L Y M P I A »
Matinéas ás quintas e sabados

« O D E O N »
Soirées aos sabados

Correspondência

ALBERTO BARRADAS:— Se o Afonso XIII foi apaixonado da Lily Damita, isso é que já está fora das minhas atribuições de «Eu Sei Tudo»! Nem tanto, nem tampouco!... Não, meu caro, a morte (?) da Betty Amann não foi anunciada pelas revistas americanas, mas sim por uma publicação europeia. Não me consta que as revistas americanas tivessem anunciado falsamente a morte de qualquer artista. Infelizmente, tôdas teem sido verdadeiras. Com que então, de 7 actrizes portuguesas a quem escreveu, só a Beatriz lhe respondeu? Que digo eu ao procedimento dessas actrizes? Ora, que hei-de dizer: que se assim procedem, quando tam pouca importância possuem, o que farão quando forem estrêlas!

A que mais merecimento tem foi a única que lhe escreveu. É boa rapariga, a Beatriz!

DOIS PALITOS DE LA REINE:— 1.^a—A Lilian Harvey não continúa casada, porque é ainda solteira. E bem me parece que vai para a América solteirinha. Eu se fôsse ao Willy Fritsch não consentiria que o Henry Garat também fôsse. 2.^a—Sobre o «Expresso de Shanghai», já sabem que se estreou no Pôrto. 3.^a—Alguna coisa a respeito de Greta Garbo e Anny Ondra? Estão de magnífica saúde.

Quanto ao vosso pseudónimo, não o acho nada futurista. Acho-o mas é muito doce. Até era capaz de os trincar...

CAPITÃO SAINT-AVIT:—O verdadeiro nome de Kate de Nagy é Kaethe von Nagy. «A Loucura de Monte-Carlo» já foi reexibida no Pôrto, mas é provável que torne a ter outra reexibição. Em que cinema é que não posso prever.

NENITA:—Muito obrigadinho, Nenita, pelo seu postal de Lagos. Na

verdade, aprendeu a nadar com uns mestres que eram uns amores? Eu é que não podia ensiná-la, porque a minha mulher dão deixaria. Também há outro motivo: é que não sei nadar. Com o auxilio de boias, ainda dou um geitinho...

E como vamos nós a respeito de sonoro, lá pelo sul?

SAAVEDRA DE LENCASTRE:— Respondo à sua carta, porque o director, quando começou a ler o seu artigo, que começa assim: «Cinema Português! Heis a palavra que brota de tantas bocas ávidas de verem e ouvirem os costumes e palavras portuguesas...» sentiu umas tremuras muito grandes, turvou-se-lhe a vista, e caiu redondo no chão. Ainda está de cama e tem delirado muito. Por isso não é possível publicar o seu artigo, nem a revista «Cinema» se presta para aprendizagem. Experimente no «Ecos de Cacia»...

ADORO O PATAÇON:—Faz muito bem, e muito bom proveito, mas suponho que a resposta 1.^a lhe causará desilusão. 1.^a—Sim, minha senhora, Patachon, na vida particular Carl Schenstrom, é casado e tem Patachõesinhos. 2.^a—Há muito tempo, enviou-me um retrato, juntamente com o Pat. Não sei se tem enviado a mais algum. 3.^a—Escreva para Carl Schenstrom, ao cuidado de Lau Lauritzen, Vimmelskaflet, 42 Copenhague, Dinamarca. E felicidades!

SULTÃO MARROCOS:—Meg Lemonnier, 151, Avenue de Suffren, Paris (15me.). De futuro, mande a correspondência para mim, rua do Bomjardim, 436-3.^o

ANTÓNIO MARTINS:—Não tem de que pedir desculpa. Eu sei tudo, de facto, mas da actualidade presente de agora... Casos pré-históricos não sei. E «Os 2 garotos», a-pesar-de há pouco passarem em «reprise», é um caso pré-histórico. Posso dar-lhe a certeza de que não veremos esta época nenhum

filme dd Colleen Moore, em estreia. Está contratada pela «M-G-M», mas os filmes que ela fizer agora, só na próxima temporada serão exibidos. Fred Thomson morreu no dia 24 de Dezembro de 1928.

O director agradece muito reconhecido os selos que lhe enviou, mas agradecia mais se viessem colados num bocado do envelope, isto é, deixando à volta do selo uma margem de meio centimetro. Se tiver mais...

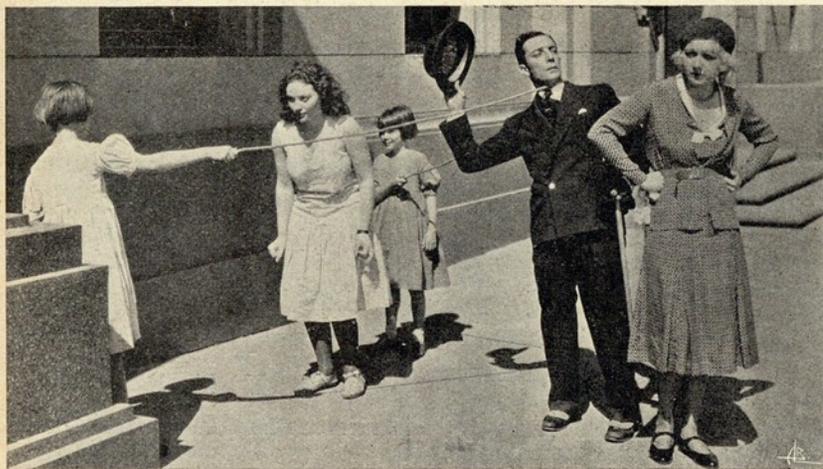
UMA RAPARIGA PÁLIDA:— Use rouge Nally! Dizem que faz muito bem à saúde... Deve encontrar nas principais papelarias os postais que procura. De Douglas Fairbanks, Lilian Harvey e Clark Gable há com certeza. De George O'Brien, não sei. Do Henry Garat é que talvez não encontre, porque, disse-me o Director, parece que são engulidos tôdos quantos são postos à venda. Se não encontrar alguns dos que pretende, escreva ao Director, para a Rua do Bomjardim, 436-3.^o

TRÊS FUTURAS ESTRÊLAS:— Há tanto tempo que já são «futuras», que bem poderia ser já «presentes». Ora sejam muito bem reaparecidas! Mas não estou de acôrdo com o que me dizem de me escreverem poucas vezes esta temporada, por o tempo lhes ser pouco para estudarem, irem ao cinema e apreciarem o maravilhoso (sic) jôgo do F. C. do Porto. E não concordo, porque podem muito bem privar-se de um desses emprêgos de tempo: o de estudarem, por exemplo. O Director vai ficar contentissimo por saber que Vocês são torcedoras do F. C. do Pôrto!

Preguntam quando se tornará a ver filmes do simpático Willy Fritsch? Suponho que nunca mais, pelo menos enquanto a «Ufa» fizer versões francesas, interpretadas por artistas diferentes, dos filmes que Willy Fritsch interpreta em alemão. Ele foi o protagonista de «A's Ordens de Vossa Alteza» «O Congresso que Dança», «A Princesa Encantadora», etc., mas na versão alemã. Porque em Portugal tôdos preferem as versões francesas. Até o Director, e esse sabe as tais duas palavras em alemão: «Ja, Ja».

Para José Mojica, escrevam: Fox Studios, 1401, N. Western Avenue, Hollywood, California (U. S. A.). E, para mim, já sabem a direcção.

EU SEI TUDO.



Uma cena de «Pamplinas Milionário», a mais recente interpretação de Buster Keaton (Pamplinas), um filme do «Ano Metro», falado em francês, com Anita Page e Cliff Edwards.

José Mojica ofereceu há dias uma soirée na sua magnífica fazenda em Hollywood, a que assistiram, entre outros, o decorador Cedric Gibbons e esposa (Dolores Del Rio), Rosita Moreno, Lupe Velez, Mona Maris, Elsie Janis, António Moreno e esposa, André de Sogurola, Romualdo Tirado, Raoul Roulien e Gilbert Roland. Rosita Moreno está interpretando actualmente com o actor brasileiro Raoul Roulien a fita «O Último Homem sobre a Terra» e Gilbert Roland é o primeiro actor de Clara Bow em «Sangue Vermelho», ambas para a «Fox».

TUDO O QUE O PÚBLICO APRECIA

a ACCÇÃO de um filme de movimento
a TERNURA de um romance sentimental
a VARIEDADE de um espectáculo de Circo
a GRAÇA provocando constante gargalhada
a FANTASIA inexgotavel de Buster Keaton
se REUNE

em

PAMPLINAS MILIONÁRIO

Um Super-Filme
do ANO METRO
falado em francês
com

Anita Page

Cliff Edwards

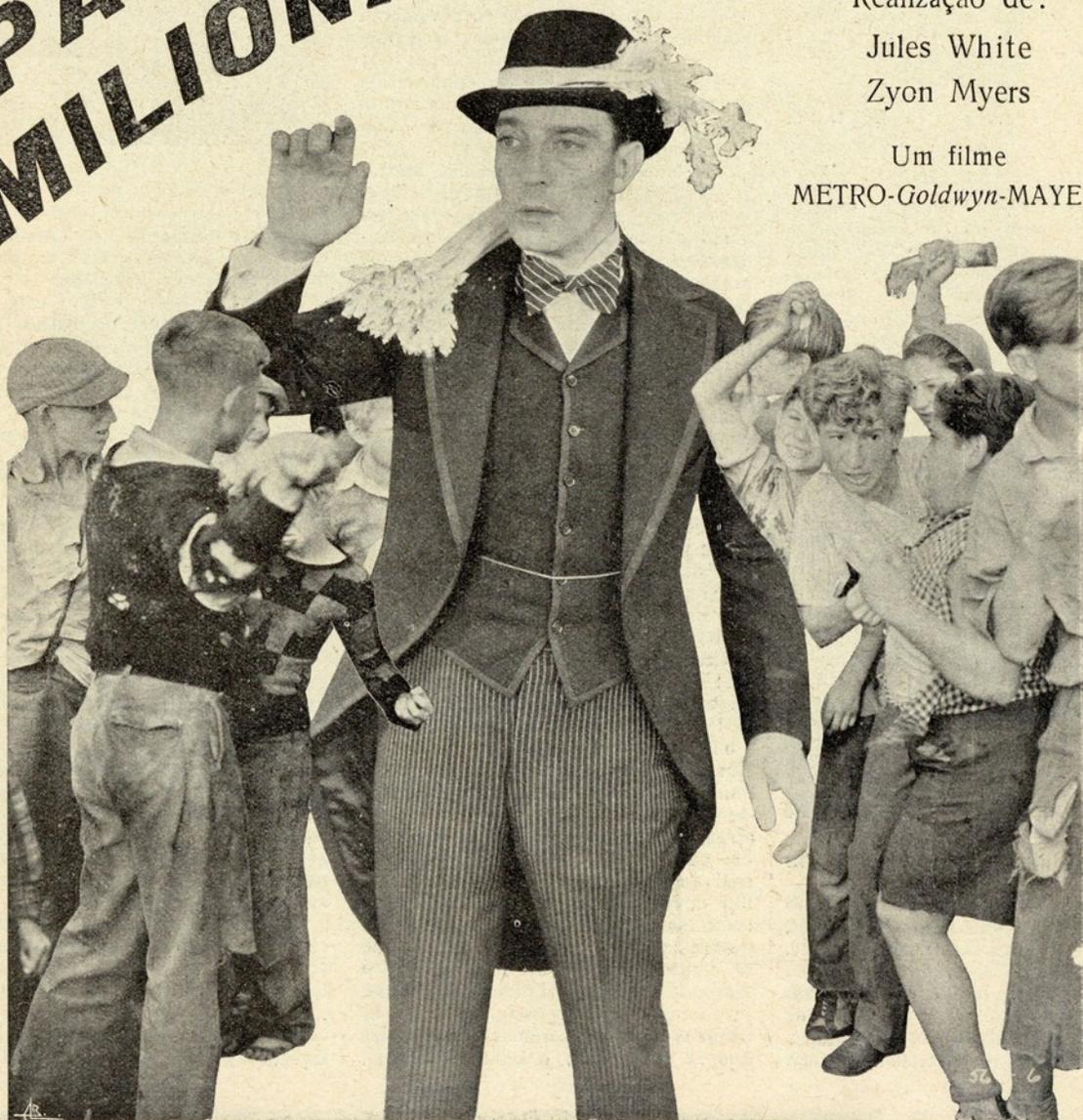
Realização de:

Jules White

Zyon Myers

Um filme

METRO-Goldwyn-MAYER



Pelos nossos Cinemas

QUANDO TE SUICIDAS? (Quand tu es tu?) : — Uma farça, muito falada e pouco cantada, em francês. A acção, que gira em volta dum testamento disparatado, é frouxa e pouco cinematográfica, entrecortada de longos diálogos, as mais das vezes engrolados de forma pouco inteligível. O absurdo e o inverosímil, habituais no género, ultrapassam aqui todos os limites, e isto é tanto mais sensível, quanto é certo que no filme faltam outras qualidades que o tornarlam aceitável.

A interpretação não merece referências especiais. Noel-Noel, duma comicidade um tanto apalhadada, enche de pulos, gestos, barulho, algumas das melhores cenas do filme, cujo principal mérito é, afinal, o de servir de prólogo a «Ruas da Cidade», uma fita que se vê bem duas ou três vezes.

Autor: André Dahl. Fotógrafo: Lengenfeld. Autor musical: Borel-Clerc. Realizador: André Capellani. Intérpretes: Noel-Noel, Robert Brunier, Dréan, Marc-Hély, Simone Vaudri, Yvonne Hébert, Jeanne Fusier-Gir e Armand Lurville. Produzida em 1931 pela «Paramount» (França). Programa «Paramount Films S. A.» Estreada no «Olimpia» em 22 Outubro 1932.

M A R I A I L D A

O EXPRESSO DE SHANGAI (Shanghai Express): — Mais do que «Marrocos», muito mais do que «Fatalidade», «O Expresso de Shanghai» é o cartaz anunciador da técnica de Josef Sternberg, da sua «maneira» que já constituiu escola, porque é muito cinematográfica, porque os filmes da sua realiação se apresentam construídos por imagens que se sucedem num ritmo deliciosamente dominador, por imagens que dizem tudo, que falam muito melhor que as antigas legendas ou que os actualis diálogos a que recorrem, como elemento básico da



produção, muitos, inúmeros fazedores de filmes.

Josef von Sternberg faz cinema. Como o fazem King Vidor, René Clair, Pabst, Fritz Lang, Van Dike, Eisenstein, etc. Cada qual num estilo próprio.

Von Sternberg não é, suponho, um revolucionário. Pelo menos tal não se depreende de nenhum dos seus filmes. Não devem, pois, os que analisam uma

película, censurá-lo por não defender uma ideia nova ou proteger uma causa social. Critiquemos o filme na sua essência cinegráfrica. Uma obra de cinema não precisa de mergulhar em aspectos políticos ou sociais para ser um excelente trabalho filmico.

Assim «O Expresso de Shanghai», em que Von Sternberg nos deu apenas cinema, com a sua marca registada — lentidão aparente no desenvolvimento do entrecio, mas, na realidade, de grande movimentação intrínseca. Conduzindo quasi toda a fita em grandes planos ou planos americanos, construiu a acção na excelente montagem, de tal modo que as máscaras, as atitudes das personagens, cuja fixação dura apenas o tempo necessário para impressionar, se entrelaçam e sucedem numa descrição de grande potência objectiva, que é do melhor cinema, e onde o diálogo, que não é, no entanto, imprescindível, é constituído por frases curtas, incisivas, que a beleza das imagens e o seu ritmo encadeamento relegam acertadamente para plano inferior. Daí um interesse contínuo por toda a narrativa, a que o desempenho se liga na mais completa harmonia, num equilíbrio perfeito com a técnica de Von Sternberg.

Marlene Dietrich — que não mostra as pernas nesta fita, para grande desgosto de muitos cinéfilos... — parece talhada para heroína das obras do seu realizador. Sobriedade absoluta nos gestos, potência nas manifestações da sua máscara, onde os olhos adquirem extraordinário dinamismo de expressão, como reflexo da «maneira» directiva de Von Sternberg. Clive Brook, Warner Oland e Anna May Wong, nas principais personagens que coadjuvam Marlene Dietrich, conduzem-se de forma a cada um deles merecer, passe o lugar comum, um grande elogio, porque cada um tem a seu cargo um papel de manifesta importância, de que se desempenha como artista muito grande.

Fotografia maravilhosamente bela. Tomada sonora de extraordinária perfeição, sendo de notar a aliança de imagens e sons na apresentação do movimento das estações de caminho de ferro.

Um senão apenas em «O Expresso de Shanghai»: a demasiada quantidade de legendas, cuja sobreposição prejudica a beleza das imagens que Von Sternberg tam cuidadosamente compoz e montou. Para qualquer realiação banal, receber-se-la sem censura, quicá talvez com aplauso, a sobre-impressão de legendas em quantidade; mas para a técnica pessoal de Josef von Sternberg, esse trabalho deveria ser mais cuidado, porque, como as imagens são apresentadas em grandes planos e planos americanos que se fixam, como atrás digo, apenas o tempo preciso para influenciar a retina, resulta que, a maior parte das vezes, as imagens aparecem cortadas por legendas que as prejudicam e quasi inutilizam.

Defeito esse que perturba o valor do filme no seu aspecto físico, mas que, na realidade, pouco influi na beleza da produção, que é um excelente trabalho de cinema.

Autor: Harry Hervey. Cenarista: Jules Furthman. Fotógrafo: Lee Garmes. Realizador: Josef von Sternberg. Intérpretes: Shanghai Lily, Marlene Dietrich; Capitão Donald Harvey, Clive Brook; Hui Fei, Anna May Wong; Henry Chang, Warner Oland; Sam Sall, Eugene Palette; Mrs. Haggerty, Louise Closser Hale; Padre Carmichael, Lawrence Grant; Coronel Lenard, Emile Chautard; Eric Baum, Gustav von Seyffertitz.

Produzida em 1931-32 pela PARAMOUNT. Programa «Paramount Films S. A.» Estreada no «Águia d'Ouro» em 24 Outubro 1932.

QUICK, O PALHAÇO (Quick): — Lillian Harvey continua a ser das artistas mais queridas do nosso público, e, na



verdade, merece-o, porque a deliciosa actriz da «Ufa» possui todas as qualidades para contentar os frequentadores dos cinemas — beleza, graça, e, principalmente, talento em boa dose.

Deve ser fácil dirigir esta actriz. Vê-se bem que não há grande pressão do realizador sobre os gestos ou atitudes de Lillian Harvey. Ela improvisa-os, cria-os. É um dom natural, que não é muito vulgar. Por isso Lillian Harvey se impoz, desde há muito, à profunda simpatia do público, que reconhece em cada um dos seus filmes novas manifestações das suas enormes possibilidades artísticas.

«Quick, o palhaço» abandona o género habitual das comédias musicais ou operetas em que temos visto Lillian Harvey, mas não foram muito felizes Erich Pommer e Robert Siodmack nesta modalidade da sua nova produção e realiação. O plot do argumento é um caso psicológico, que um bom critério directivo não trouxer em profundidade, mesmo superficialmente apresentado, suficiente para tirar ao filme a leveza desejável numa tal comédia, que toma assim um aspecto que se aproxima de filme de tese, que o público difficilmente suporta, como não recebe muito bem as pretensões dum galã com toda a aparência de quinquagenário, nem a sua vitória final sobre o amor da protagonista.

Jules Berry não é mau actor, mas não consegue esconder a influencia teatral na sua representação, e, sobretudo, está deslocado para contracenar como galã de Lillian Harvey. Armand Bernard, mais comedido que nas suas últimas interpretações, agradeu pela sobriedade que



AÍ VEM A ANITA!

Pronto! Está feita a vontadinha aos leitores que nos teem escrito a pedir a publicação dum retrato de Anita Page! E os muitos fans da encantadora loirinha ficarão satisfeitos por saberem que Anita Page vai aparecer ao lado de Buster Keaton em "Pamplinas Milionário". Nós, com franqueza, também já andavamos com saudades da Anita!

OS PROVÁVEIS PREMIADOS DA ACADEMIA AMERICANA PARA 1932

soube imprimir à sua personagem. Mas o filme é todo de Lillian Harvey, que conseguiu não se inferiorizar nem sentir a influência da fraqueza do argumento, e de Pierre Brasseur, que, no papel de noivo preferido, se revela um actor de aproveitáveis recursos.

«Quick» não engrandece a notação de Robert Siodmack, nem de Erich Pommer, nem da «Ufa». Mas vê-se com certo agrado.

Autor: Felix Gandra. Fotógrafos: Guenther Rittau e Otto Baeker. Director de som: Fritz Thiery. Decorador: Erich Kettelhut. Autores musicais: Hans-Otto Borgmann e Gêrade Jacobson; a canção «Quick», de Werner R. Heymann. Realizador: Robert Siodmack. Intérpretes: *Cristina*, Lillian Harvey; *Quick*, Jules Berry; *O manager*, Armand Bernard; *Maxime*, Pierre Brasseur; *O médico*, Marcel André; *Clock*, Pierre Piérade; *Henkel*, Pierre Finaly; *Madame Koch*, Jeanne Fuster-Gir.

Produzida em 1932 pela «Ufa» (Erich Pommer). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «São João» em 24 Outubro 1932.

O MEU ÚLTIMO AMOR (MI ÚLTIMO Amor):— Sob o ponto de vista das qualidades cinográficas, poderia servir para esta fita o que há dias escrevi sobre «Estudante Mendigo». Quanto a qualida-



des comerciais, «O Meu Último Amor» leva grande vantagem, porque as possui em bela dose — a simpatia do actor mexicano José Mojica, que faz o principal intérprete, a sua voz, que é das melhores do cinema sonoro, a beleza das canções, o facto de a fita ser falada em espanhol e o argumento que se desenvolve numa atmosfera romântica, que a maior parte do público muito aprecia.

Notável em «O Meu Último Amor» a excelência do desempenho, quasi todo a cargo de elementos hispanos. Além de José Mojica, que, como actor, vai melhorando de filme para filme, Ana Maria Custódio coloca-se à altura das grandes actrizes de cinema; a sua tirada, na discussão com a tia que a repreende, é duma artista consagrada. Carmen Rodriguez, na velha avó, Elvira Morla, na tia Susana e André de Segurola, no Lord Harry, dão-nos um desempenho muito homogêneo, denunciando-se artistas de grande valor. Mimi Aguglia (a quem a legenda do filme chama «Agreglia»), que já plizou os nossos palcos, tem uma excelente interpretação cômica.

«O Meu Último Amor», que a «Fox» produziu sob a realização de Lou Seiles, é um trabalho honesto da grande casa

NOVA-YORK, 14 — Notícias de Hollywood comunicam que reuniu a Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, para classificar os prováveis vencedores dos prémios de 1932. Após a reunião, ficaram nomeados os seguintes, dos quais sairá um em cada grupo, que a Academia escolherá finalmente em meados de Novembro, por votação de todos os seus membros:

A MELHOR INTERPRETAÇÃO FEMININA

MARIE DRESSLER em «Emma»; LYNN FONTANNE em «The Guardsman»; HELEN HAYES em «O Pecado de Madelon Claudet».

A MELHOR INTERPRETAÇÃO MASCULINA

ALFRED LUNT em «The Guardsman»; WALLACE BEERY em «The Champ»; FREDRICH MARCH em «Dr. Jekyll and Mr. Hyde».

A MELHOR REALIZAÇÃO

FRANK BORZAGE em «Bad Girl»; KING VIDOR em «The Champ»; JOSEF VON STERNBERG em «Shangai Express».

A MELHOR FOTOGRAFIA

RAY JUNE em «Arrowsmith»; KARL STRUSS em «Dr. Jekyll and Mr. Hyde»; LEE GARMES em «Shangai Express».

O MELHOR ARGUMENTO

GROVER JONES e WILLIAM SLAVENS McNUTT em «Lady and Gent»; FRANCES MARION em «The Champ»; LUCIEN HUBBARD em «Star Witness»; GENE FOWLER, ROLAND BROWN e ADELA ROGERS ST. JOHN em «What Price Hollywood».

A MELHOR FITA

«ARROWSMITH», «BAD GIRL», «THE CHAMP», «FIVE SPAR FINALE», «GRAND HOTEL», «ONE HOUR WITH YOU», «SMILING LIEUTENANT» e «SHANGAI EXPRESS».

A MELHOR DECORAÇÃO

RICHARD DAY em «Arrowsmith»; LAZARE MEERSON em «A Nous La Liberté»; GORDON WILES em «Transatlantico».

«Cinema» espera dar em fins de Novembro o resultado final das votações da Academia Americana.

americana, que não hesita em produzir filmes em língua espanhola com o esmero e os cuidados que lhe merecem as produções em inglês.

Realizador: Lou Seiles. Intérpretes: *Fernando*, José Mojica; *Diana Carter*, Ana Maria Custódio; *Prima Betsy*, Mimi Aguglia; *Tia Susana*, Elvira Morla; *Lord Harry*, André de Segurola; *A avó*, Carmen Rodriguez; *Lupe*, Nancy Torres; *Juanito*, Robert Cartier.

Produzida em 1932 pela «Fox». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal — Secção «Fox». Estreada no «Trindade» em 25 Outubro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Lillian Harvey partirá em fins de Novembro

É esperada em Hollywood, nos primeiros dias de Dezembro, a actriz Lillian Harvey, que como noticiamos foi contratada pela «Fox». Lillian Harvey que deverá partir da Europa nos últimos dias de Novembro, logo que chegue começará a trabalhar no filme «His Majesty's Car» («O Carro de Sua Majestade»), cujos preparativos estão sendo feitos.

Dentro e Fora dos Estúdios

Estão na Europa vários membros da «Metro-Goldwyn-Mayer», que veem estudar os mercados, para estabelecerem ateliers de *dubbing* em Paris e Roma. Esses membros são G. Del Lungo, O. O. Ceccarini e M. Sobelman. As fitas feitas em Hollywood serão de futuro enviadas para a Europa, onde será feito o *dubbing*.

A «RCA Photophone» e a «General Electric» processaram As Walt Disney Productions, a casa que nos tem apresentado os desenhos animados do «Rato Mickey» e «Silly Simphonies», por infracção de patentes dos aparelhos de tomada de sons.

Clarence Brown, o realizador de «Fascinação», será o director de «The Son Daughter», que a «M-G-M» vai produzir com Ramon Novarro, Lewis Stone, Warner Oland e Helen Hayes, a célebre intérprete de «O Pecado de Madelon Claudet».

Na capa: — Rolf Von Goth e Lizzl Natzler, interpretes de «Era uma vez uma valsa»...

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

«The Face in the Sky» é o título da nova fita da «Fox» com Charles Farrell e Marion Nixon.

Warner Baxter emprestou o seu camarim na «Fox» a Clive Brook, durante a filmagem de «Cavalcade». E George O'Brien emprestou o seu a Diana Wynyard.

Na assembleia geral da «Ufa» que se realizou na segunda-feira passada, 24 de Outubro, foi resolvido distribuir um dividendo de 4% aos acionistas.

À Última Hora

COM JOHN BOLES
LILIAN HARVEY

Telegrama do nosso correspondente em Nova-York informa-nos que John Boles será o galã de Lilian Harvey na sua próxima fita «His Majesty's Car» («O Carro de Sua Majestade») para a «Fox». O famoso cómico El Brendel tomará parte na interpretação daquela película, que será dirigida por Alfred Santell, o realizador de «O Papá das Pernas Altas». A «Fox» está preparando tudo para que a primeira fita de Lilian Harvey na América seja uma grande produção.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)
TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Terça-feira, 1 de Novembro — O grande êxito do cinema sonoro
A FERA DO MAR com John Barrymore
e Joan Bennett

Sexta-feira, 4 — Programa sensacional

UM PRINCIPE QUE NUNCA AMOU
falada e cantada em espanhol com José Mojica e Conchita Mcn'enegro
TRANSATLANTICO Super-produção da «Fox»,
com Edmund Lowe e Lois Moran

Brevemente: «Aventuras de Bufalo Bill»

PREÇOS POPULARES
Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o
melhor receptor é o

MENDE

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

N.º 32

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50% nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 3 e 5 de Nov.

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 3 e 5 de Nov.

BATALHA — Matinéas de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 3, 5 e 6.

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 5 de Novembro.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» têm os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

**apresentará brevemente entre outras,
as seguintes super-produções:**

O Seu Homem

com Helen Twelvetrees

Os Três Amigos

com Harry Piel

É preciso casá-los

com Anny Ondra

O Filho do Milagre

com Blanche Montel e Armand Bernard

Menina, não se engane!

com Magda Schneider

**Isto é uma pequena parte do que vai
apresentar esta temporada a firma**

Castelo Lopes, L.^{da}